



MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO NA “QUEBRADA”: A AUTORREPRESENTAÇÃO NAS NARRATIVAS AUDIOVISUAIS PRODUZIDO POR JOVENS DA PERIFERIA DE BELÉM-PARÁ

Jetur Lima de Castro

Universidade Estadual Paulista (UNESP)

jetur.castro@unesp.br

Alessandra Nunes de Oliveira

Universidade Estadual Paulista (UNESP)

alessandra.nunes@unesp.br

Resumo: Discute a mediação da informação e a ação de interferência relacionando o audiovisual como uma forma de participação política e uma luta por autorrepresentação vista por um coletivo de mídia alternativa da periferia da cidade de Belém-Pará. Torna-se central na nossa discussão a compreensão da ação de interferência em que indivíduos e coletivos da periferia utilizam a própria experiência contrapondo certos estereótipos que os reduz em uma categoria simplista. Isso, torna-se fundamental para analisar a MI e as múltiplas linguagens. Do ponto de vista metodológico caracteriza-se por ser de natureza qualitativa do tipo exploratório, adota como métodos a pesquisa bibliográfica e documental, utilizando referenciais teóricos específicos da CI e da comunicação que tratam das múltiplas linguagens, narrativas audiovisuais e autorrepresentação. Utilizou-se também a análise de conteúdo e a análise de enquadramento, as quais caracterizam a organização das vivências e falas quando os indivíduos se encontram num espaço, contam com um corpo em que agem concretamente e compõem ordens legítimas, mediada através da comunicação. Como resultado, observou-se que os instrumentos utilizados nas ações do coletivo de mídia alternativa e a preparação dos materiais audiovisuais, são encontrados nas abordagens de estudos da CI, as quais utilizam os suportes informacionais, assim como as informações que estão presentes de maneira objetiva e simbólica, como as múltiplas linguagens, que são mediadas e discutidas pelos jovens da periferia em busca de mudanças sociais. Por fim, os pesquisadores na CI devem analisar os epifenômenos que atendam às necessidades sociais e sua inserção na MI precisa estar situada. A exemplo, destacam-se as produções audiovisuais de coletivos como práticas emancipatórias informacionais. A inserção de conceitos e aplicações como a autorrepresentação, informação e a documentação popular pautada nas narrativas audiovisuais no campo da Informação e da Mediação, a nosso ver, ampliam essas experiências.

Palavras-Chave: Mediação da informação; Interferência; Coletivo; Audiovisual; Autorrepresentação.

MEDIATION OF INFORMATION ON THE OUTSKIRTS: SELF-REPRESENTATION IN AUDIOVISUAL NARRATIVES PRODUCED BY YOUNG PEOPLE FROM THE OUTSKIRTS OF BELÉM-PARÁ

Abstract: The study discusses mediation of information and the action of interference relating audiovisual as a form of political participation and a struggle for self-representation seen by an alternative media collective from the outskirts of the city of Belém-Pará. Our discussion is central

to understanding the interference action in which individuals and collectives from the outskirts use their own experience by opposing certain stereotypes that reduce them into one simplistic category. This becomes critical to analyzing Mediation of Information and multiple languages. From the methodological point of view, it is characterized as qualitative in nature and exploratory in type; the method is bibliographic and documentary research, using specific Information Science and Communication theoretical references that addresses multiple languages, audiovisual narratives and self-representation. We also used content analysis and framing analysis, which characterize the organization of experiences and speeches when individuals are in a space, they rely on a body in which they act concretely and compose legitimate orders mediated through communication. As a result, the study observed that the instruments used in the actions of the collective alternative media and the preparation of audiovisual materials are found in the approaches of Information Science studies, which use information supports and information that is present objectively and symbolically, such as multiple languages, mediated and discussed by young people from the outskirts in search of social changes. Finally, researchers in Information Science should analyze epiphenomena that meet social needs and their insertion in mediation of information. For example, audiovisual productions of collectives as informational emancipatory practices stand out. The insertion of concepts and applications such as self-representation, information and popular documentation based on audiovisual narratives in the field of Information and Mediation, in our view, expand these experiences.

Keywords: Mediation of Information; Interference; Collective; Audiovisual; Self-representation.

MEDIACIÓN DE LA INFORMACIÓN EN LA "QUEBRADA": LA AUTORREPRESENTACIÓN EN LAS NARRATIVAS AUDIOVISUALES PRODUCIDAS POR ÓVENES DE LA PERIFERIA DE BELÉM-PARÁ

Resumen: Discute la mediación de la información y la acción de interferencia relacionando lo audiovisual como una forma de participación política y una lucha por la autorrepresentación vista por un colectivo de medios alternativos de la periferia de la ciudad de Belém-Pará. En el centro de nuestra discusión está la comprensión de la acción de interferencia en la que los individuos y colectivos de la periferia utilizan su propia experiencia para contrarrestar ciertos estereotipos que los reducen a una categoría simplista. Esto, se convierte en algo fundamental para analizar la MI y las múltiples lenguas. Desde el punto de vista metodológico, se caracteriza por ser de naturaleza cualitativa de tipo exploratorio, adoptando como métodos la investigación bibliográfica y documental, utilizando referentes teóricos específicos de CI y comunicación que abordan múltiples lenguajes, narrativas audiovisuales y autorrepresentación. También se utilizó el análisis de contenido y el análisis de marco, que caracterizan la organización de las experiencias y los discursos cuando los individuos se reúnen en un espacio, cuentan con un cuerpo en el que actúan concretamente y componen órdenes legítimos, mediados por la comunicación. Como resultado, se observó que los instrumentos utilizados en las acciones del colectivo de medios alternativos y la elaboración de materiales audiovisuales se encuentran en los enfoques de estudios de CI, que utilizan soportes informativos, así como la información que está presente de manera objetiva y simbólica, como múltiples lenguajes, que son mediados y discutidos por los jóvenes de la periferia en busca de cambios sociales. Por último, los investigadores en CI deben analizar los epifenómenos que responden a las necesidades sociales y su inserción en la MCI debe ser situada. Como ejemplo, se destacan las producciones audiovisuales de los colectivos como prácticas informativas emancipadoras. La introducción de conceptos y aplicaciones como la autorrepresentación, la información y la documentación popular guiada por las narrativas audiovisuales en el campo de la Información y la Mediación, en nuestra opinión, amplían estas experiencias.

Palabras-Clave: Mediación de la información; Interferencia; Colectivo; Audiovisual; Autorrepresentación.

1 INTRODUÇÃO

A experiência intersubjetiva da Mediação da Informação¹ relaciona-se às condições contrárias à lógica das redes de informação, e isso vem fortalecendo as relações sociais entre indivíduos que compartilham o mesmo quadro de significados. As relações de pertencimento, por exemplo, possibilitam esse lugar diante dos fenômenos globais. A contribuição para o processo contínuo de ação de interferência de informação torna-se relevante diante do coletivo, experiência e autorrepresentação, que frente às narrativas audiovisuais desencadeiam a conjuntura de um olhar de compartilhamento de informações que vai do local ao global, isto é, às percepções sobre o ambiente social, seja ele físico ou virtual (CASTRO, 2020; CASTRO; SILVA; OLIVEIRA, 2018).

É nesse cenário que se relaciona, nesse texto, o objetivo de discutir a mediação da informação e a ação de interferência vinculando às narrativas audiovisuais como uma forma de participação política, em que se parte do direito à autorrepresentação, “[...] a possibilidade de indivíduos e coletivos da periferia de exercer maior controle sobre suas próprias representações” (ZANETTI, 2008, p. 8).

Nesse sentido, entende-se que a mediação da informação e suas múltiplas linguagens insurge pelas narrativas audiovisuais nas mãos da juventude da periferia de Belém do Pará, com o Tela Firme, coletivo de mídia alternativa do bairro da Terra Firme que se ver no audiovisual uma luta por autorrepresentação contra a atribuição de estereótipos a pessoas que moram em favelas e periferias da cidade de Belém.

Sendo assim, é central na nossa discussão a compreensão da ação de interferência em que sujeitos informacionais utilizam a própria experiência para contrapor estereótipos, estigmas e poder dialogar, colocando a comunidade de moradores no debate público. Esse contexto, para nós, torna-se central para analisar considerando as múltiplas linguagens da MI.

Do ponto de vista metodológico a pesquisa caracteriza-se por ser de natureza qualitativa e do tipo exploratório, adota como métodos a pesquisa bibliográfica e documental utilizando referenciais teóricos específicos da mediação da informação e da comunicação que tratam das múltiplas linguagens, narrativas audiovisuais e autorrepresentação.

Utiliza da análise de conteúdo da Bardin (2009), visto que trabalha com a fala, a prática da língua realizada por emissores identificáveis e a análise do Enquadramento em Goffman (1988) e Habermas (1997), as quais caracterizam a organização das vivências e

¹ Mediação da Informação será considerada (MI), no corpo do texto.

falas quando os indivíduos se encontram num espaço, contam com um corpo em que agem concretamente e compõem ordens legítimas, mediada através da comunicação em grupos sociais de maneira a garantir ações de autoestima social (GOFFMAN, 2004; HABERMAS, 1997).

Isso pode ser observado nas narrativas audiovisuais do coletivo Tela Firme, na luta por autorrepresentação de modo a entender a construção de como os sujeitos informacionais organizam e narram suas opiniões a partir das experiências e vivências sociais contrapondo certos estereótipos que reduz as pessoas em uma categoria simplista. Desse modo, relaciona-se nesse texto, informação, mediação e protagonismo, também se coloca em pauta o processo de comunicação, sem o qual a informação não se consubstancia, a mediação não pode ocorrer e o protagonismo não se efetiva em toda a sua potência (GOMES, 2019). Nesse sentido, às representações sociais, essa relação acontece a partir de processos decorrentes das práticas sociais, o que inclui os discursos, a arte, os rituais, as mediações, etc. (ZANETTI, 2008).

Para finalizar, observou-se os instrumentos utilizados nas ações do coletivo e a preparação das matérias do audiovisual que são encontrados nas abordagens de estudos da CI, as quais utilizam os suportes informacionais, assim como as informações que estão presentes de maneira objetiva e simbólica, como as múltiplas linguagens, mediadas e discutidas dentro da comunidade com os jovens moradores.

Nesse ponto, os pesquisadores na CI devem analisar os epifenômenos que atendam às necessidades sociais e sua inserção na MI precisa estar situada. A exemplo, destaca-se as produções audiovisuais de coletivos como práticas emancipatórias informacionais. A inserção de conceitos e aplicações como a autorrepresentação, informação e a documentação popular pautada nas narrativas audiovisuais no campo da Informação e da Mediação, a nosso ver, alicerçam essas experiências.

Além desta parte introdutória, o artigo apresenta outros três tópicos. O primeiro deles recupera o conceito de mediação como experiência, o contexto da mediação da informação, coletivos, sujeitos informacionais e a complexidade da linguagem. No tópico seguinte, ainda recupera alguns conceitos somando-se a análise dados, discute-se a mediação da informação e a ação de interferência relacionando as narrativas audiovisuais da juventude como uma forma de participação política, em que se parte do direito à autorrepresentação, ao fim, esboçam-se considerações finais sobre alguns aspectos centrais revelados pela pesquisa.

2 MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO, AUDIOVISUAL E AÇÃO COLETIVA

Almeida Júnior (2009) sobre a MI considera que o ato de mediar está inserido em múltiplas linguagens, despontando assim das relações discutidas por profissionais da informação, que ainda identificam a MI com a imagem de uma ponte que remete ao imaginário redutível da herança da teoria da informação, entre dois pontos de emissor e receptor que, de forma instrumental e positiva, acaba desconsiderando a diversidade, a complexidade e suas múltiplas formas que envolvem a ação da MI.

É interessante ressaltar que a literatura que trata da CI, em grande parte de seus apontamentos sobre a MI, busca apresentá-la em um aspecto social, entretanto, seu contexto ainda está no âmbito de ver o próximo como um “usuário”, limitando-o como sujeito protagonista que se move em buscar conhecimento ou que precisa da informação como sinônimo de que são pessoas passivas e estão envolvidas no cenário da esfera institucional informacional. Almeida Júnior (2009, p. 92) considera a crítica que “[...] a mediação da informação é entendida apenas como vinculada ao Serviço de Referência e Informação ou, de forma específica, aos espaços e ações que visam ao atendimento do usuário”.

A crítica que incide nas palavras do autor, refere-se ao empirismo que ainda se encontra problemático com a mediação. Tal crítica, a nosso ver, é pertinente ainda que nos estudos atuais de MI seja enfatizado as questões no social. Através das relações que precisam acontecer para ocorrer a mediação, por exemplo, a genealogia teórica sobre o ato de mediar, em partes se encontra carregada de racionalidade instrumental, pois, conforme Capurro e Hjørland (2007) denotam de “conceito formal” de informação, ao referir-se sobre a conjuntura dela ao trabalho com documentação e informação, alicerçada unicamente a centros de informação, que acabam definindo apenas os estudos quantitativos que privilegiam e investigam apenas uma parte da sociedade.

O sentido da questão social que envolve a perspectiva de mediar é complexo e compreende a pluralidade de comunidades, vivências culturais, campos e conflitos. Peres e Trindade (2020) evidenciam que mediar envolve dinâmicas de sentidos simbólicas, na medida que o verbo “mediar” se expressa na sua complexidade semântica e pragmática de uso, visto que “[...] a vida é atravessada de inúmeras ações mediadoras que delineiam as estradas dos sentidos do viver com o outro e em sociedade” (PERES; TRINDADE, 2020, p. 3).

Assim sendo, quando o conceito de “sentido” se relaciona com a prática de mediar, muda-se os horizontes da reflexão de uma prática de ponte, de ordem, interação e com o

interagir pautado na prática ambientada pelos profissionais da informação. Estas formas de abordagem voltam-se a simplificar e atribuir visões restritivas quando a complexidade envolve a mediação.

Peres e Trindade (2020) consideram que o tensionamento e o paradoxo são complexidades que estão presentes na ação de mediar. Por isso, a mediação vai além do interagir, pois, sua ação demanda direção do experienciar, devido às partes envolvidas nessa prática, dessa maneira, cada uma possui e carrega seus 'habitus', suas identidades que são reproduzidas através das culturas, valores, lógicas contextuais e circunstanciais e que se evidenciam na ação mediadora. Sustentado, assim, o paradoxo que na mediação envolve o conflito das partes, pois, ambos por possuírem suas concepções devido ao 'habitus', leva a um desequilíbrio dialógico.

Entretanto, não apenas se vê de forma individual o sentido do reconhecimento frente ao outro que dispõe suas particularidades, mas encontra-se no caminho da empatia e das relações sensíveis, em nome de propiciar um equilíbrio.

Tudo isso mostra que mediar é também experienciar. A mediação em si é experimentação e não apenas a relação entre elementos, isto é, vai além do designar o que são tais elementos. Quais posições ocupam? E o que causa? Mas, sobretudo, indicam a experiência mediadora como ação e o que leva a considerar por meio da tal mediação como as coisas acontecem. Ou seja, mediação como realidade imediata, ação, experiência (PERES; TRINDADE, 2020, p. 4).

Experienciar o outro requer a prática pautada na visão emancipatória, diante das formas simbólicas que se apresentam na ação de mediar. Formas outras também como considera Almeida Júnior (2009), na MI, formas inconscientes e indiretas. A partir dessa aproximação na MI, vislumbra-se o (re)surgir nas práticas informacionais com os aspectos relacionais e com a ação de interferência, que escapam do contexto redutível.

Caracteriza-se essa relação com pensamento da autora Crippa (2011) que examina a informação sendo mediada não apenas através do contexto da hegemonia institucionalizada, mas por uma rede de relações que envolvem condições políticas e materiais dentro das quais as ações das palavras reconheçam a identidade dos sujeitos informacionais. Considera-se, neste texto, a concepção de sujeito informacional como aquele que:

[...] se constitui ao ter uma posição no espaço socioinformacional concreto, perante a reflexão, análise e atuação na estrutura social sob uma crítica profunda, sendo ele um agente de informação de conjuntura social, como quem realiza um ato político, para denunciar que o status-quo contemporâneo requer uma reestruturação; a partir do sentimento

de comunidade e do reconhecimento do outro (RENDÓN-ROJAS; GARCÍA CERVANTES, 2012, p. 42, tradução nossa).

Sem a estrutura emancipatória que se volta à autorrealização, os sujeitos informacionais se veem reduzidos a contornos reificados da ação em que se toma formas de sumição que se diferenciam na relação com o outro e se tornam indiferentes a qualquer ação, posição e engajamento.

Do ponto de vista de Almeida Júnior (2009) e Crippa (2011) a MI está sobre as múltiplas linguagens e as ações de palavras que solidificam o pensamento necessário para enveredar estudos das áreas da comunicação, informação, educação e antropologia, visto que ela se utiliza de meios objetivos e abstratos (simbólicos) de múltiplas linguagens e identidades para construir a prática de mediar nas relações com o social.

A partir da relação intersubjetiva entre informação, mundo da vida e sujeitos informacionais é que consideramos aqui, o conceito de MI:

Toda ação de interferência — realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais —, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais (ALMEIDA JÚNIOR, 2015, p. 25).

Com a atualização desse conceito no campo da CI, pode-se tensionar os processos de apropriação da informação na prática da mediação a partir de parâmetros do processo da interferência. Signates (1998) caracterizando a compreensão de Martín-Barbero, avaliou os atos de mediação, que podem ser: categoria teórica; discursividade específica; estruturas, formas e práticas que vinculam diferentes lógicas ou temporalidades em um mesmo processo; como instituição ou local geográfico; dispositivo de viabilização e legitimação da hegemonia ou resolução imaginária da luta de classes no âmbito da cultura.

Considera-se, assim, um panorama da diversidade em que ocorre as relações de interferência que a MI se apresenta pela ideia de temporalidade que está entre os acontecimentos e as interpretações, segundo Van Loon (1993, p. 62) a “[...] mediação é o que está entre o evento e a nossa interpretação onde os lugares de evento, estão além da sua própria e presença temporal e espacial”. Um pensamento que se relaciona com a diversidade das formas da mediação.

Jamais podemos considerar um elemento linguístico em sua simples presença, ele está sempre já inscrito nesse jogo de diferenças, em uma textura de dispersão e disseminação ou mesmo em uma diferença. É esse jogo ou essa textura que Derrida determina como traço. Qualquer signo,

qualquer movimento significativo, longe de se dar na visibilidade sem resto de uma presença real ou possível, é moldado por uma lacuna, um intervalo, um espaçamento e uma temporização de que é apenas o traço. (DEVILLAIN, 2006, p. 209, tradução nossa).

A temporalidade está para o contexto da linguagem, não somente em função de uma interlocução do pensamento pela fala, mas também, por padrões e códigos de informação que representem nossa identidade atemporal. Por estar em uma espécie complexa de relação, por meio da linguagem que utilizamos e apreenderemos para melhor representar. Constituindo-se, assim, como sujeitos da linguagem simbólica (SANTAELLA, 2010).

Na multiplicidade de códigos de linguagem as informações são apreendidas e podem ser mediadas aos sujeitos dentro de uma temporalidade entre o evento e a representação. Por exemplo, delimitar um livro, um periódico ou um repositório ao papel de mediar, acaba sendo um princípio temporal da realidade cultural onde a mediação passar a ser presente na estrutura intersubjetiva das relações experienciais dos sujeitos informacionais “[...] a temporalidade em sua dimensão cultural, ou seja, a partir de vivências localizadas, a partir de tramas [...], enquanto práticas que existem a partir de determinadas percepções ou vivências, coletivas[...]” (CASTRO, 2015, p. 112).

Atualmente a modernidade é mediada pela ação das tecnologias. As tecnologias digitais não só potencializam a circulação, mas ecoam vozes das diversas culturas contrapondo formas e estigmas sociais. Nesse aspecto, a linguagem audiovisual, é uma aliada nesses contrapondo, pois, encontra-se na diversidade de informação que a sociedade apreende, compartilha e medeia por meio das tecnologias digitais (VOLTOLINI, 2021). Torna-se manifesto que a necessidade, busca e a experiência informacional mediada, está aquém das paredes físicas. Nesse sentido, as produções audiovisuais:

Pode ser muitas coisas, por isso, pode ser abordado de muitas maneiras. Os audiovisuais realizam uma categoria de comunicação mediada, por isso são chamados “meios de comunicação”. Podem parecer, mas não são apenas janelas abertas para o mundo ou espelhos da realidade e meros fragmentos de vida apresentados ao acaso. Os audiovisuais são produtos muito bem elaborados e realizados, expressam sempre intenções, concepções, desejos e ideologias (COUTINHO, 2013, p. 15).

Atualmente o audiovisual é reiteradamente utilizado como uma ação política para mediar, relaciona-se aqui, as mídias independentes que não estão sob o domínio de grupo de comunicação de massa ou de instituições governamentais. Elas ecoam vozes de grupos e comunidades vulneráveis que são pouco evidenciadas e discutidas na grande mídia e nas instituições, para representatividade. Por esse motivo, o audiovisual independente

comunitário tem suas práticas voltadas à MI de grupos periféricos que se autorrepresentam.

Dessa forma, as práticas dos audiovisuais seguem o viés do estudo de comunidade em que para mediar com a comunidade local, torna-se necessário a experiência do afetivo das relações intramundanas e do sensível. De outra forma, reuniões e pautas são marcadas entre os membros de coletivos audiovisuais e movimentos deliberativos são listados por um processo investigativo de conhecer o outro e a comunidade discursiva por um olhar identitário e de pertencimento. O buscar conhecer e relacionar-se com a comunidade, considera a experiência do sentir e viver, as necessidades de uma comunidade.

Para que as experiências se tornem significativas e apreendidas, são necessárias as relações comunicativas e intersubjetivas do que se considera a mediação dialógica com outro no audiovisual. Nesse empirismo, está a conjuntura dialógica e o tensionamento sobre a informação do não-público (RABELLO; ALMEIDA JÚNIOR, 2020), isto é, de grupos vulneráveis que se contrapõem às formas totalitárias no social e se autorrepresentam.

Logo, não há como falar em produção audiovisual independente e periférica e não considerar a discussão da importância dos coletivos e a autorrepresentação nas comunidades periféricas, pelas quais os sujeitos informacionais se envolvem e buscam tensionar as experiências de desrespeito relacionados a estigmas e exclusão social.

Quando se reflete sobre a experiência, estamos discutindo um amplo contexto de informação apreendida, de maneira pragmática e/ou simbólica entre os sujeitos informacionais. As relações de intersubjetividade referem-se aos elos da vivência nas quais caracterizam os sujeitos pelo conteúdo do conhecimento e representação, conforme reforça a professora Henriette Gomes:

[...] não se pode esquecer que a informação se constitui em uma instância de trânsito dos saberes e conhecimentos de um plano singular para o plano do coletivo, trânsito que também só pode ocorrer no coletivo. Esse trânsito é dependente do coletivo e é pelo coletivo porque este visa o compartilhamento de experiências, saberes e conhecimentos, para fortalecer a vida social (GOMES, 2021, p. 6).

Para pensar o coletivo, usualmente, pode se cair na ideia de associá-lo a uma quantidade de pessoas, todavia, essa visão provoca limitações às potencialidades do que a constitui. Defende Migliorin (2012, p. 2) que o coletivo “[...] é uma formação não de certo número de pessoas com ideais comuns, mas de um bloco de interesses, afetos, diálogos,

experiências aos quais certo número de pessoas adere, reafirmando e transformando esse mesmo bloco”.

Relaciona-se ao palco dialógico a intersubjetividade das percepções dos sujeitos informacionais sobre determinado escopo, logo, são evidências que proporcionam um diálogo representativo das questões que estão em pauta social.

Um coletivo não faz unidade, mas é formado por irradiação dessa intensidade, um condensador, agregador de sujeitos e ideias, em constantes aproximações, distanciamentos, adesões e desgarramentos. Um coletivo é, assim, fragilmente delimitável seja pelos seus membros, seja por suas áreas de atuação e influência, e seus movimentos – um novo filme, um festival, uma intervenção urbana ou política – não se fazem sem que o próprio coletivo se transforme e entre em contato com outros centros de intensidade. Nesse sentido, um coletivo é um campo de troca privilegiado, uma concentração de encontros de intensidade distinta (MIGLIORIN, 2012, p. 2-3).

Percebe-se que a ação de coletivo exerce maior fecundidade quando se está inserido na experiência da vida e diante das complexidades que o cerca. Isso relaciona com a sutileza da mediação, pois, nela é possível a apreensão do ver, ouvir e falar, três relações que se encontram no audiovisual.

Gomes (2021, p. 6) observa o sentido das potencialidades que um coletivo pode realizar na cultura, na aprendizagem, no conhecimento e na produção da informação. Oferece o palco de discussão enunciando a importância do coletivo “[...] como movimento de fortalecimento das lutas pelos direitos sociais, pela inclusão e equidade social, onde se insere também o direito de produzir cultura, conhecimento e a própria informação”.

A saber, o meio de conduzir informação sobre a cultura, lazer e lutas sociais os coletivos audiovisuais revelam sua intenção de estar no alcance dos outros para eles reconhecerem suas diferenças identitárias através das produções audiovisuais proporciona, dessa forma, a autorrepresentação. Assim, as produções audiovisuais de periferia, por exemplo, criaram impulso no país através de coletivos de bairros periféricos, conhecido como “produção audiovisual da periferia”, “cinema da quebrada”, entre outras denominações (ZANETTI, 2008, 2010). No próximo tópico, nos deteremos em discutir a MI da juventude periférica de Belém - Pará e a autorrepresentação na produção audiovisual.

3 CONTRANARRATIVA, JUVENTUDE E PROTAGONISMO INTERFERINDO-SE NO MUNDO

As múltiplas linguagens informacionais, a experiência, o reconhecimento e a interferência são aspectos defendidos no conceito MI, por Almeida Júnior (2009, 2015).

São características que podem ser encontradas na prática de mediação exercida pelos coletivos de periferias que protagonizam experiências coletivas de autorrepresentação pelo audiovisual.

Encaminhamos aqui, a discussão dessa prática com a experiência do coletivo Tela Firme que, a nosso ver, protagonizam práticas de MI como também podemos relacioná-las por documentalistas populares nas produções audiovisuais, pois, tem como referência as lutas dos movimentos populares e suas experiências de organização e produção da informação durante suas ações, isto é, o conceito de documentação popular aqui elencado como produção e organização da informação das classes oprimidas, recebe uma nova atualização, pautada na documentação audiovisual das lutas sociais, pois, ela caracteriza um sistema de documentação compatível com a realidade multimídia em tempos globais (CASTRO, 2020; CPV, 1985).

No coletivo eles buscam a experiência, a vivência da comunidade e autorrepresentação, pois, julgam não serem representados pelo processo massivo da comunicação mídia local e governamental que “[...] instalam um estereótipo como agente causal destes problemas[...]

” (CELADEC, 1981, p. 2). É preciso explicar que o coletivo Tela Firme é uma organização comunitária de comunicação popular que iniciou suas ações em 2014, no bairro periférico denominado pelos próprios moradores de Terra Firme, na cidade de Belém do Pará.

Trata-se de um coletivo de Comunicação Popular formado predominantemente por jovens que, através do audiovisual, mostram a beleza, a diversidade e a complexidade da periferia e cobram políticas públicas que ofereçam serviços necessários para a dignidade de vida de sua população. Quanto o bairro Terra Firme retratado pelo projeto, é considerado periferia imediata: próxima ao centro — constituída por uma grande ocupação de movimentos de luta popular, com apoio de entidades e movimentos sociais (TELA FIRME, 2020, online).

Câmera na mão, microfone e vídeos nas redes sociais, formam as bases comunicacionais que o coletivo Tela Firme tem em mãos. São elementos do audiovisual periférico pelo qual Tela Firme realiza como prática informacional para a comunidade local. A ação de mediar do Tela Firme, ocorre por meio das experiências mistas de pertencimento relacionando a identidade do bairro e dos moradores, que de toda forma considera abordagens críticas sobre a falta de políticas públicas no bairro, bem como a adoção de perspectivas políticas e filosóficas em relação à realidade dos moradores que fazem parte do bairro Terra Firme.

Castro (2020) em recente estudo, explicita que o Tela Firme destaca-se por ser uma mídia alternativa no bairro em que apresenta as demandas imediatas da comunidade, ecoando as vozes dos moradores numa relação de dentro para fora. Tais concepções são consideradas nas práticas audiovisuais do coletivo Tela Firme, como uma mediação discursiva da informação onde a comunidade tem o protagonismo de interferir na sua realidade. Deliberando assuntos e informações pertinentes a serem discutidas fazendo com que o Tela Firme seja uma potência dialógica que ecoa as vozes dos moradores na esfera pública.

Nesse aspecto Castro (2020, p. 133) ao recolher o depoimento de um membro do Tela Firme, descreve:

A construção das imagens e narrativas através da gente [moradores da Terra Firme] mostra que queremos disputar a circulação da nossa imagem, que por muitos anos foi contada por outros. Existimos em função disso, da contraposição à narrativa hegemônica aos meios de comunicação de massa, que têm como principal objetivo o lucro, e nossa intenção é ser voz na quebrada, denunciar a injustiça e divulgar as belezas na periferia.

É necessário ressaltar a questão da ação da palavra *contraposição*, verbalizada pelo entrevistado, como impulso na criação do coletivo. Vê-se, neste aspecto, a ação de uma contranarrativa, isto é, uma interferência informacional e conflito contra a estrutura hegemônica dos meios de comunicação que alimentam o olhar racista ao associar a imagem dos moradores e do bairro como sendo violento, deteriorando assim, a identidade coletiva desse lugar intersubjetivo.

Para isto, o coletivo Tela Firme como ação de interferência, isto é, praticando a (MI), revela o protagonismo social desses jovens na periferia segundo o qual Gomes (2019, p. 11) vem explicitando em estudos de mediação que “[...] representa a ação de resistência contra a opressão, exclusão, discriminação, apartheid social, rejeição, desrespeito e negação ao diferente”. A esse respeito, o coletivo se coloca diante da dimensão política da informação, através das experiências adquiridas com o bairro e seus moradores, apreendendo informações e as transformando em debate político e social, bem como a representação que se volta a autorrealização dos esquecidos e estigmatizados, através da autorrepresentação.

Goffman (1988) conceitua que o estigma se trata de um status moral, em que é evidenciado sobre determinados sujeitos o efeito de descrédito, com atributos profundamente depreciativos do outro. A luta contra o estigma e opressão social, se reproduz no protagonismo da comunidade do bairro “[...] por esta razão, não se pode falar

em protagonismo, omitindo-se que este ao mesmo que resulta da ação mediadora também a impulsiona e, por conseguinte, também reflete na dimensão política desta ação” (GOMES, 2019, p. 11).

A partir do relato anterior citado sobre a imagem do bairro, levantamos na página do Facebook do Tela Firme dois vídeos mais visualizados nas (Figuras 1 e 2), embora nessa mesma página contenha cerca de 140 vídeos entre pautas culturais, lazer, denúncias e entrevistas de ações no bairro da Terra firme.

Figura 1: Vídeo Saltos na Serragem - Print da página do Facebook do Tela Firme



Fonte: Pagina do Tela Firme no Facebook (2022)².

O vídeo 'Salto na serragem' tem mais de 50 (cinquenta mil) visualizações na página do Tela Firme no Facebook. Como se observa na Figura 1, destaca-se sendo a produção mais visualizada do coletivo por ser uma representação do lazer de jovens do bairro desde a sua gênese. As características do bairro criam as condições para a estrutura de uma área de alagamento, isto é, de várzea tendo uma tipologia essencialmente horizontalizada e com graves problemas de desenho geográfico. “Com a imigração, a partir dos anos 1940, a Terra Firme foi habitada por palafitas e pontes, que serviam de apoio para chegar às ruas improvisadas pelos próprios moradores” (CASTRO,2020, p. 37).

Muitas famílias que vieram de outras cidades do interior do Pará em busca de oportunidades em Belém residiam nesse local. Por isso, muitos moradores alicerçaram suas casas neste local, sem condições de moradia na capital Belém. A partir do aterramento desses lugares alagados, sem o auxílio do poder público naquela época, muitos moradores aterravam suas casas com a ajuda de serragem, servindo de aterro.

² Disponível em: <https://www.facebook.com/telaфирme/videos/1994950344051585>. Acesso em: 08 mar. 2022.

Castro (2020), ao descrever os depoimentos dos primeiros moradores do Bairro, apresenta que os antigos residentes construíram suas casas cavando buracos e assentando os esteios nessa área de várzea, depois de um tempo vieram os batedores de açaí, muitos deles existentes até hoje. Vários batedores de açaí doavam sacas de caroços do fruto para aterrarem e construir suas casas, outros jogavam serragem; nesse tempo não existiam serrarias na Terra Firme, a serragem vinha de outros bairros. Neste ponto, apresenta-se a questão da história e identidade do bairro onde o Tela Firme evidencia o lazer dos jovens no vídeo 'Salto na serragem'. Observa-se que isto tem como prática o sentimento de identidade e pertencimento por envolver práticas que passam dos mais antigos para os mais novos e vão se perpetuando até os dias atuais. Portanto, o vídeo 'Salto em serragem' na Terra Firme, volta-se como uma ação local de resistência, pois, “resistindo até os dias atuais vivenciando a (3º) geração de jovens que se reúnem pela tarde para realizar esta modalidade” (TELA FIRME, 2019).

Figura 2: “Calourada tf 2020” - Print da página do Facebook do Tela Firme



Fonte: Página do Tela Firme no Facebook (2022)³.

O segundo vídeo mais visualizado “Calourada tf 2020” na Figura 2, representa um ecoar de vozes da juventude periférica da Terra Firme, que há tempos foram estigmatizados pela mídia que não reconhecia e não os tornavam visíveis como jovens da periferia que possuem potencialidades para romper e insurgir no sistema.

Em depoimento a Castro (2020, p. 58), um jovem membro do coletivo Tela Firme explica como a grande mídia evidenciava os jovens promovendo os estereótipos sobre a juventude que reside no bairro através do estigma e como o coletivo realiza a contranarrativa por meio da mediação com o emprego do audiovisual.

³ Disponível em: <https://www.facebook.com/telafirme/videos/1994950344051585>. Acesso em: 08 mar. 2022.

Bom, os jornais falaram bastante sobre a criminalidade no bairro. Eles mostravam a Terra Firme como um bairro só de criminosos. Não mostravam o lado bom, que tem! Era bem complicado ver essas notícias e até hoje ainda é. Na verdade, existem vários casos de violência, visto que nem todos os jovens estão envolvidos com o crime. Os jornais, nas imagens e notícias, aumentaram os fatos. Eles enfeitaram demais o fato. Tem teatro, dança, música, etc. Toda essa diversidade foi retratada através do Tela Firme.

Para o leitor entender a proporção do que é ser calouro no Estado do Pará, sobretudo, o quanto é representativo para a juventude periférica que é alvo de estereótipos nas narrativas da mídia. Apresenta-se o “listão” da Universidade Federal do Pará (UFPA) sendo um dos mais aguardados pelos jovens vestibulandos paraenses. Com o nome na lista dos aprovados, acontece festas em casas, nas ruas, sujeito a fogos de artifícios, churrasco, ovos e trigo jogados sobre o aprovado no vestibular e, é claro, não pode deixar de faltar a clássica música do cantor paraense Pinuca chamada "Marcha do vestibular" que ecoa nos quatro cantos de Belém, nos carros-sons e aparelhagens de som, conduzindo assim a cidade a uma inteira alegria de festa.

Na periferia, a aprovação no vestibular passa ser resistência, pois, são jovens filhos e filhas de trabalhadores que resistem as estruturas dos poderes hipostasiados do neoliberalismo e que lutam diariamente para tornar possível o processo de autorrealização em que são negligenciados com base em certos enquadramentos sociais de um cenário urbano profundamente marcado por desigualdade e exclusão.

Então, para uma jovem de periferia trata-se de uma resistência, uma ação política de um cenário de autorrepresentação em que juventude na periferia se mobiliza e através da organização do coletivo, esses jovens que agora são calouros universitários, reúnem-se e desfilam nas ruas do bairro Terra Firme para festejar e registrar esse momento pelas lentes intersubjetivas do Tela Firme.

Figura 3: Calourada da TF



Fonte: Harrison Lopes TF/ Tela Firme, imagem cedida pelo autor.

A imagem acima evidencia os jovens calouros com placas feitas de papelão em que apresentam os seus respectivos cursos universitários. Em uma breve análise sobre a imagem, os calouros estão sendo fotografados em um dos pontos principais da Terra Firme, a ponte do Rio Tucunduba, que em segundo plano pode-se constatar a situação de vulnerabilidade social que o bairro vivencia, representado pelas casas de madeira na beira do rio com as palafitas.

Na página do Facebook, o Tela Firme (2020, online) produziu um texto comparando o dia da calourada em relação ao estado de desigualdades em que o bairro da Terra Firme é marcado, “pelas ruas esburacadas e cheias de lamas, soaram gritos de alegria dos aprovados e aprovadas nas universidades públicas não só do Pará, mas país afora”. Sendo assim, o Tela Firme reuniu essa turma numa linda caminhada para reafirmar que o lugar da periferia é também na universidade. Viva nossa linda juventude e sua resistência” (TELA FIRME, 2020, online). Além das fotos apresentadas na página do coletivo, o acontecimento virou vídeo, 'Calourada tf 2020', que chegou à marca de 29, 2 mil visualizações, com 130 comentários que evidenciam a resistência, isto é, a importância de os jovens de periferia tomarem o lugar das universidades públicas.

O vídeo postado em 3 de fevereiro de 2020, apresenta a seguinte descrição na página do Facebook:

Esse é mais um daqueles registros que ficarão para a história da Terra Firme: É a turma da nossa quebrada aprovada no vestibular. Em seus depoimentos [os aprovados] destacaram a importância de a periferia ocupar o espaço da universidade, enfatizaram o papel dos familiares nessa conquista e relataram as dificuldades encontradas (TELA FIRME, 2020).

O vídeo de 8:07 minutos, começa com as fotos de manchetes jornalísticas, depois a festa na periferia com o listão dos aprovados da UFPA que, a nosso ver, é uma contranarrativa, pois por anos os jovens foram alvos de manchetes condicionadas por estigmas, agora ser veem como protagonistas em suas aprovações na universidade. O coletivo ao interferir e contrapor a informação do imaginário midiático e ao tomar posição de enunciar vozes, assume o protagonismo social na luta por autorrepresentação que vem acompanhada por uma busca de visibilidade pública, contra o estigma, implicando no uso de estratégias de “[...]contraposição argumentativa de modo a defender interesses coletivos. Nesse sentido, também pode ser compreendida como parte de uma luta por reconhecimento social” (ZANETTI, 2008, p. 8).

Assim, no momento em que o coletivo Tela Firme experiencia a realidade periférica e expõe ao público a representação da realidade periférica por meio do audiovisual, ecoa

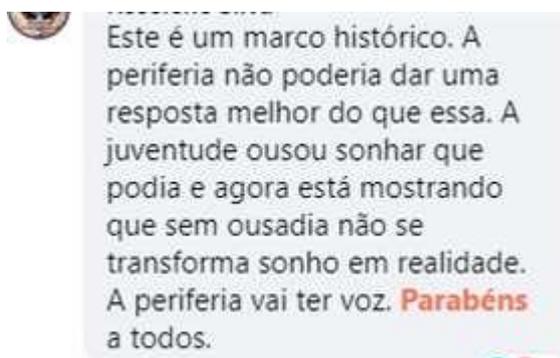
as vozes da autorrepresentação que, de acordo com Zanetti (2008), se constitui pela reflexão do reconhecimento de si a partir do lugar. Para ela a autorrepresentação de si, constitui-se como um reconhecimento individual e coletivo com o lugar, construindo um paralelo com as identidades simbólicas onde o sujeito se vê através do espaço, lugar e acontecimento.

Relacionando-se a produção audiovisual construída por coletivos, como uma interferência discursiva, para os sujeitos informacionais se sentirem representados e valorizados nos espaços que ocupam. Essa valorização emerge da relação discursiva de personagens (reais ou fictícias) que, como moradores (ou frequentadores) de territórios periféricos, valorizam suas raízes, traçam seus afetos com o lugar e ecoam as atividades do cotidiano de trabalho e de lazer (ZANETTI, 2008).

A autorrepresentação da periferia, pode ser analisada por intermédio dos comentários postados na página do Facebook do Tela Firme, exatamente sobre o vídeo que consiste em 130 comentários, 789 compartilhamentos e mil curtidas. Nele percebe-se a audiência e o impacto que a informação audiovisual proporciona, principalmente, a estima social, processos da solidariedade onde os jovens estão evidenciando o discurso emancipatório.

A Figura 4 ilustra um dos discursos observados na postagem sobre a calourada.

Figura 4: Captura de tela da Fanpage do TLF no Facebook



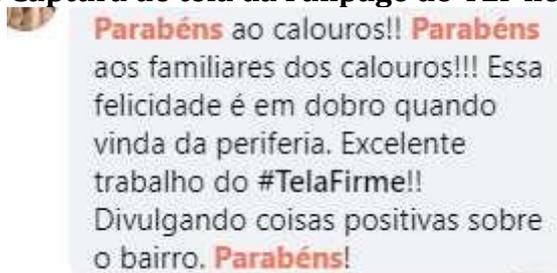
Fonte: Página do Tela Firme no Facebook (2022)⁴.

As experiências históricas e sociais as quais os jovens do coletivo apreendem sobre o local, deslocam-se e interferem por meio do audiovisual, produzem uma contrarrativa de informações que é experienciada nos vídeos que contrapõem à maneira como jovens de periferia são retratados pela mídia hegemônica local.

⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/telaфирme/videos/1994950344051585>. Acesso em: 25 mar. 2022.

Essa ação se reflete no conceito que Gomes (2019) apresenta de “natureza social da informação”, a qual é resultante do processo dialógico que o coletivo efetuou como prática informacional. Utilizando a informação e os meios comunicacionais, o coletivo gerou um conhecimento subversivo, bem como a criação e percepção de novos sentidos para interpelar, interferir, criar, recriar e ressignificar uma informação distorcida no mundo de que foram instituídos. Isso pode ser observado nos comentários, que ressignificam os sentidos de “periferia” e a disseminação de “coisas positivas sobre o bairro”, como explicita o comentário no vídeo 'Calourada tf' na Figura 5.

Figura 5: Captura de tela da Fanpage do TLF no Facebook



Fonte: Página do Tela Firme no Facebook (2022)⁵.

O coletivo, o audiovisual, a experiência e a autorrepresentação desencadeiam a conjuntura de um olhar intersubjetivo de compartilhamento de informações, percepções sobre o ambiente inserido, seja ele físico ou virtual. Esse diálogo aponta para tensões e por meio da ação do interferir na MI, constitui o processo de ecoar as vozes.

Características encontradas na ação da MI, é que ela não ocorre passivamente e neutra, mas sim, pelo viés intencional, correspondendo a ser pensada e refletida para se posicionar sempre frente às relações apreendidas, que diante delas possam ser estabelecidas, sejam elas de maneira pessoal ou institucional.

Sendo assim, qualquer conhecimento ou autoconhecimento é dependente do compartilhamento do que já se pôde conhecer (SANTOS NETO, 2014). Portanto, a visibilidade dada aos vídeos é observada na rede social como as visualizações, *likes*, comentários e compartilhamentos. São ações que protagonizam a concepção de autorrepresentação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Mediação da Informação no campo da CI, dispõe de caminhos para seguir uma luta discursiva. Podemos observar a importância dos tensionamentos que surgem na ação

⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/telaфирme/videos/1994950344051585>. Acesso em: 25 mar. 2022.

de interferência, por exemplo, para o desenvolvimento conceitual e abrangência do conceito de mediação. Porquanto, estimula as experiências não-públicas, a disputa de sentidos que se confronta de fora para dentro.

Nesse ponto, os pesquisadores na CI devem analisar os fenômenos que atendam às necessidades sociais e sua inserção na MI precisa estar situada. A exemplo, destaca-se as produções audiovisuais de coletivos como práticas emancipatórias informacionais. A inserção de conceitos e aplicações como a autorrepresentação, informação e a documentação popular pautada nas narrativas audiovisuais no campo da Informação e da Mediação, a nosso ver, alicerçam essas experiências.

Dessa maneira, ao analisar os estudos sobre coletivos insurgentes e produção audiovisual periférica, percebe-se que essas investigações são muito utilizadas no campo da comunicação. Entretanto, pouco ainda é utilizada nas abordagens da Ciência da informação, mas possui muita relevância na discussão da utilização que envolve a MI, sobretudo, na ação de interferência com o uso da informação.

A MI, como já constatado, é compreendida como ação de interferência em que sujeitos informacionais utilizam a própria experiência para contrapor estereótipos, estigmas e poder dialogar, inserindo a comunidade no debate público. Esse contexto, para nós, foi central para analisar contextualmente as contribuições e múltiplas linguagens com a MI.

Na análise da pesquisa observou-se que os instrumentos utilizados nas ações do coletivo e a preparação das matérias do audiovisual são encontrados nas abordagens de estudos da CI, as quais utilizam os suportes informacionais, assim como as informações que estão presentes de maneira objetiva e simbólica, como as múltiplas linguagens, mediadas e discutidas dentro da comunidade com os jovens moradores.

Nesse sentido, investigar a mediação através do olhar dos jovens e moradores das periferias, provoca uma perspectiva sociológica e antropológica, visto que envolve o uso da informação no cerne da investigação da cultura, resistência, complexidade social por meio dos conflitos e lutas sociais.

Sendo assim, a MI investigada neste trabalho deixa os antros institucionais tradicionais, onde o profissional da informação é apresentado como protagonista, e se apresenta diante de uma relação contundente em que se evidencia a importância de investigar as ações de mediação entre as comunidades vulneráveis, que ainda são pouco enquadradas na prática informacional, mas que podem contribuir através de suas ações, vivências e experiências para aqueles que também recorrem à mediação pelos

profissionais da informação sendo elas em bibliotecas, centros de documentação e unidades informacionais com a inserção de práticas audiovisuais.

A autorrepresentação, por exemplo, implica numa autorrealização que é prática do coletivo na comunidade e com os moradores que têm suas vozes antes silenciadas e agora inseridas on debate público. São contribuições que precisam ser evidenciadas como práticas potenciais nas mediações sociais.

Com o levantamento em Almeida Júnior (2009) e Gomes (2019, 2021) sobre as múltiplas linguagens, processo de interferência e o protagonismo social nas relações de mediação, a pesquisa aproximou-se da compreensão de que respectivos conceitos são encontrados na ação de mediar. Por intermédio do coletivo por meio da prática do audiovisual, sobretudo, no momento em que o exercício de informar, construir as relações de troca, a busca de experienciar a comunidade insurgente em seus aspectos históricos e sociais encontra no conflito o discurso da contranarrativa, evidenciado através das informações disseminadas pela mídia. Nesse ponto, acarreta o sentimento da ação de interferência realizado pela comunidade representada, que para nós se traduz na autorrepresentação onde os jovens são inteiramente os protagonistas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação: um conceito atualizado. In: BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A dos.; SILVA, R. J. da (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015. 278p. p.9-32.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da Informação e múltiplas linguagens. **Tendências da Pesquisa Científica em Ciência da Informação**, v. 2, n. 1, 2009.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Portugal: Edições70, 2009.

CAPURRO, Rafael; HJØRLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em CI**, Belo Horizonte, v.12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007.

CASTRO, Fabio Fonseca de. Semiotical blues: artifícios da temporalidade nostálgica. **Revista ECO-Pós**, v. 18, n. 3, p. 103-115, 2015.

CASTRO, Jetur Lima de. **“Poderia ter sido você”**: Autorrepresentação, dimensão sensível e intersubjetiva da violência no bairro da Terra Firme, em Belém. 2020. 178 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Programa de Pós Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia, Universidade Federal do Pará. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/13043>. Acesso em: 06 maio 2021.

CASTRO, Jetur Lima de; SILVA, Luiz Eduardo Ferreira de; OLIVEIRA, Alessandra Nunes de. Construções intersubjetivas na prática bibliotecária: reflexões. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 28, n. 2, 2018.

CELADEC. **Definição e conteúdo da documentação popular**. São Paulo: CPV, 1981. 11 p. (Programa de Documentação 1/81).

CENTRO POPULAR VERGUEIRO. *Discutindo documentação*. São Paulo, 1985. 50 p. (Série de Documentação, 2).

COUTINHO, Laura Maria. **Audiovisuais: arte, técnica e linguagem**. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso / Rede e-Tec Brasil, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/fevereiro-2016-pdf/33651-06-disciplinas-ft-md-caderno-11-audiovisuais-pdf/file>. Acesso em: 14 fev. 2022.

CRIPPA, Giulia. O pensamento da diferença e a Mediação da Informação institucional em bibliotecas públicas: considerações teóricas sobre mediação de gênero. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 4, n. 1, 2011.

DEVILLAIN, Olivier. Traço (verbetes). In: ANTONIOLI, Manola (dir.) **Abécédaire de Jacques Derrida**. Par-is, Sils Maria / Vrin, 2006, p. 207-209.

GOFFMAN, Everning. **Estigma - notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOMES, Henriette Ferreira. Protagonismo social e Mediação da Informação. **LOGEION: Filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 5 n. 2, p.10-21, mar./ago. 2019.

GOMES, Henriette Ferreira. Protagonismo e Competências em Informação: conferência de encerramento do V COINFO. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 17, n. esp., p. 1-18, 2021.

HABERMAS, Jurguen. **Direito e democracia: entre facticidade e validade I**. Trad. Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

MIGLIORIN, Cezar. **O que é um coletivo?** Belo Horizonte: Teia, 2012.

PERES, Clotilde; TRINDADE, Eneus (org.). **Mediações: Perspectivas plurais**. Barueri, SP: Estação das letras e Cores, 2020.

RABELLO, Rodrigo; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco. Usuário de informação e ralé estrutural como não-público: reflexões sobre desigualdade e invisibilidade social em unidades de informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 30, n. 4, p. 1-24, 2020.

RENDÓN-ROJAS, Miguel Ángel; GARCÍA CERVANTES, Alejandro Luis. El sujeto informacional en el contexto contemporáneo. Un análisis desde la epistemología de la identidad comunitaria informacional. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 17, n. 33, p. 30-45, jan./abr. 2012.

SANTAELLA, Lucia. **A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade**. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTOS NETO, João Arlindo dos. **Mediação implícita da informação no discurso dos bibliotecários da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina (UEL)**. 2014. 139 f. Dissertação (Ciência da informação) – Universidade Estadual Paulista,

Marília, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/110288>. Acesso em: 08 mar. 2022.

SIGNATES, Luiz. Estudo sobre o Conceito de mediação. Grupo de Estudos Sobre Práticas de Recepção a Produtos Mediáticos. **Revista Novos Olhares**, v.1, n. 2. 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/51315/55382>. Acesso em: 07 maio 2021.

TELA FIRME. **Calourada tf**. Belém, 03 fev. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/telafirme/videos/156497139131242>. Acesso em: 10 mar. 2022.

TELA FIRME. **Salto na serragem**. Belém, 08 out. 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/telafirme/videos/1968625336617169>. Acesso em: 10 mar. 2022.

VAN LOON, Jost. A cultural exploration of time: Some implications os temporality and media-tion. **Time & Society**, v. 5, n. 1, p.61-84.

VOLTOLINI, Ana Graciela Mendes Fernandes da Fonseca. **Teoria da informação audiovisual**. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, Secretaria de Tecnologia Educacional, 2021.

ZANETTI, D. Cenas da periferia: Autorrepresentação como luta por reconhecimento. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, v.11, n.2, p. 01-16, maio/ago. 2008.